Fundação Getulio Vargas **Veículo:** O Globo - RJ **Data:** 05/09/2020
Tópico: FGV Social **Página:** Capa/3 **Editoria:** OPINIÃO

EURÍPEDES ALCÂNTARA

Riqueza a favor dos pobres

PÁGINA 3

Fundação Getulio Vargas | **Veículo:** O Globo - RJ | **Data:** 05/09/2020
Tópico: FGV Social | **Página:** Capa/3 | **Editoria:** OPINIÃO

EURÍPEDES ALCÂNTARA

oglobo.globo.com/opiniao
euripe@gmail.com

Dez centavos fazem a diferença

O mundo, como o sertão de Guimarães Rosa, são muitos. São vários mundos. Na configuração mais avançada, um Mac Pro, o computador mais poderoso da Apple, custa R$ 520 mil no Brasil. Usando apenas o auxílio de R$ 600 recebidos do governo para enfrentar as durezas da pandemia de Covid-19, seria necessário que quase mil brasileiros deixassem de comer por um mês e se cotizassem para comprar um único Mac Pro. Contrastes como esse estão por toda parte, mas são pouco percebidos. Temos uma visão distorcida da realidade — ou das realidades.

Que diferença faria na sua vida, caro leitor, não R$ 600 por mês, mas apenas 60 centavos adicionais por dia — ou pouco mais de 10 centavos de dólar, aquela moedinha que nos Estados Unidos chamam de "dime"? Não muda nada para qualquer pessoa que eu conheça. Mas, quando o economista Andy Sumner, do King's College, de Londres, num exercício de modelagem, subiu a linha de pobreza global em dez centavos de dólar (de US$ 1,90 para US$ 2 por dia), cem milhões de pessoas a mais passaram a ser classificadas como miseráveis. Isso significa que dez centavos de dólar têm impacto no cotidiano de cem milhões de pessoas, no mesmo planeta em que um computador pode custar R$ 520 mil — e a empresa que o fabrica vale em bolsa US$ 2 trilhões, que, se fosse um PIB, seria superior ao de 180 países.

Não acho ofensivo que alguns computadores especiais custem 20 vezes o preço de um apartamento popular e que tenha gente com dinheiro suficiente para comprá-los. Que eles existam, é um milagre do engenho humano. Que existam pessoas e empresas com fundos suficientes para usufruí-los, é outro milagre da espécie do polegar opositor e suas ferramentas maravilhosas. É melhor assim do que se todos fossem igualados no plano da escassez extrema. Da mesma forma que é melhor ter mais brasileiros na lista de bilionários da "Forbes" do que menos. Se Adam Smith fosse escrever hoje sua obra fundadora da economia moderna, ela não se chamaria "Uma investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações", mas "Uma investigação sobre a natureza e as causas da pobreza das nações". A existência de alguns poucos países prósperos era a exceção a explicar em 1776. O fenômeno hoje é a teimosa resistência de alguns bolsões de pobreza no mundo.

O inaceitável é que desigualdades gritantes sejam perpetuadas, e os privilégios, usados apenas para aumentar o conforto dos privilegiados. Meu ponto é que a riqueza de alguns precisa ser colocada para trabalhar

para o aumento das oportunidades de muitos. Esse é o desafio da grande parcela do mundo que enriqueceu com o aumento da produtividade. O exemplo debaixo dos nossos narizes é o agronegócio. Um estudo da FAO, agência da ONU para alimentação e agricultura, mostrou que já se produz comida suficiente para alimentar 10 bilhões de pessoas — para uma população mundial de 7,2 bilhões. A escassez não é o problema. As pressões das fronteiras agrícolas sobre áreas de vegetação prístina não se justificam — especialmente no Brasil, onde a produtividade no campo cresce a cada ano pelo uso de tecnologias avançadas.

Ter em mente que vivemos não em um, mas em vários mundos conectados, ajuda a compreender certos fenômenos — entre eles, o aumento da popularidade do presidente Jair Bolsonaro entre os brasileiros mais pobres. A ajuda de R$ 600 por mês (reduzida para R$ 300 pelos próximos quatro meses), percebida como uma bondade do presidente, muda a vida e as lealdades de pessoas mais necessitadas. Cerca de 66 milhões de pessoas, 30% da população brasileira, estão recebendo essa ajuda. Segundo a Fundação Getulio Vargas, esse dinheiro reduziu de 25,6% para 21,7% o número de brasileiros que vivem abaixo da linha da pobreza. A única coisa a lamentar é a insustentabilidade fiscal do benefício. São R$ 600 bilhões por ano. Vinte vezes o custo do Bolsa Família.

Fundação Getulio Vargas **Veículo:** O Globo - RJ **Data:** 05/09/2020
Tópico: FGV Social **Página:** Capa/3 **Editoria:** OPINIÃO